

Sonho coletivo

História de [João Bosco Monteiro Lobato](#)

Autor:

Publicado em 26/01/2022

Entrevista de João Bosco

Entrevistada por Luiz Egypto

26/03/2021

Realização: Museu da Pessoa

Entrevista número SINPRO_HV009

Transcrito por Aponte

Revisado por Luiz Egypto

0:00

P/1 - Muito boa tarde professor! Muito obrigado por ter aceitado nosso convite! Eu queria que o senhor começasse dizendo o seu nome completo, o local e a data do seu nascimento?

R – Meu nome é João Bosco Monteiro Lobato, mas ultimamente perdoe-me, eu acrescentei de forma política ao meu nome o Lula da Silva, então após a prisão do Lula eu acabei incorporando essa alcunha e muitos me conhecem aqui, tal qual João Bosco Monteiro Lobato Lula da Silva, eu nasci dia 7 de outubro de 1959, estou para completar então 62 anos de existência humana, nasci, não sei se você me perguntou, mas já falo logo, no interior de Minas Gerais, em uma cidade muito pequenininha chamada Bonsucesso, perto de uma cidade muito conhecida em Minas, no Brasil, por ser uma cidade universitária, que é Lavras e também perto de São João Del Rei, conhecida como cidade histórica e também do lado dela, Tiradentes. Eu acho que já dá para situar bem onde fica a minha terrinha natal, Bonsucesso.

1:42

P/1 - O nome dos seus pais, por favor?

R - Geraldo Lobato, não sei se eu já digo, falecido em 1980, ele estava no segundo semestre do curso de biologia da Universidade de Brasília, minha mãe Célia Castanheira Monteiro Lobato, lamentavelmente, faleceu ano passado com 98 anos de vida, esperávamos que ela chegasse a 100, mas não foi possível.

2:21

P/1 - Qual era a atividade do seu pai?

R - Meu pai desenvolveu inúmeras atividades, mas a que mais marcou a minha vida, já que eu nasci em 1959. Meu pai nasceu em 1916, então parte do meu nascimento, da minha infância, adolescência. Adolescência e infância em Bonsucesso, até 6 anos e a minha adolescência até 18 anos, quando servi o Exército e logo em seguida vim para Brasília, então o que mais marcou como profissão do meu pai, foi corretagem de imóveis, era corretor de imóveis. Mas não tinha muita sorte nisto, era difícil vender algo, coitado!

3:20

P/1 – E a sua mãe, qual era a atividade da sua mãe?

R - Minha mãe, se eu puder aqui, eu acho que eu posso ser o mais, como é que se diz... Franco as perguntas possível, né! Minha mãe era de uma família onde o pai dela, meu avô, era um homem muito reconhecido na cidade dela e tinha influência, até certo ponto, financeira, lidava com café, naquela época, madeira. E tinha muitos filhos, ela era uma dos nove filhos, então meu avô não fez muita questão que a filha trabalhasse, quando ela se casou, também meu pai, aquela época, há quanto tempo que eles se casaram, ele também.. Ela acabou não trabalhando, desenvolveu atividades, como posso dizer, a rainha do lar, doméstica, criou 12 filhos, mas era professora, mas não desenvolveu a atividade, ficou mais aos cuidados dos filhos, era muito comum naquela época, então ela se dedicou mesmo a família. Mas estranhamente, ela acabou se dedicando a costura, costureira interna, doméstica e acabou se aposentando como costureira. Meu irmão, um dos mais velhos, conseguiu pagar para ela como autônoma, porque ela não tinha como pagar como professora. Já que ela não desenvolveu a profissão de professora, então ela acabou aposentando-se como costureira, desenvolvendo trabalhos em casa, e pagou autonomamente, então era a profissão dela eu reitero, teve a formação do Magistério não desenvolveu e acabou cuidando do lar a vida inteira, e dentro de casa costurava.

5:42

P/1 – O senhor conheceu os seus avós, tanto paternos, quanto maternos?

R - O meu avô Cicero Mourão Monteiro eu não cheguei a conhecê-lo, sempre imagens, histórias que minha mãe e as irmãs dela, os familiares de minha mãe, filhas dele contavam, já minha vó, convivi com ela a minha infância. Quando eu saí de Bonsucesso, por volta de 1967 a minha irmã caçula, Marcia ngela, ela tinha 2 anos, e fomos morar em Belo Horizonte. Eu sempre retornava a Bonsucesso, meu pai nos presenteava nas férias

de dezembro e julho, uma viagem a Bonsucesso, de ônibus, 4 horas de Belo Horizonte. E para mim era uma imensa alegria voltar à minha terra que eu nasci, e até os 18 anos eu retornei a Bonsucesso. Então eu convivi com a minha avó Joana Castanheira Monteiro, chamada de mãe Joanhinha, então eu convivi com ela um certo período da minha vida, era uma figura muito simpática, agradável, uma mulher muito doce, tão doce e alegre, que morreu numa cadeira sorrindo, morreu sentada na cadeira de balanço e sorrindo para a vida. Era muito alegre, muito preocupada, me lembro se eu puder dizer Luiz, de momentos que marcaram a sua infância e a adolescência, eu ia dormir lá na casa dela, com as duas irmãs que não casaram solteiras, filhas dela, e ela era uma preocupação tremenda para ver se a gente estava bem. E aí a noite você estava na cama para dormir, você via ela ir preocupar e colocar um cobertor, o problema é que ela colocava dois, e três, quando você menos esperava, “vó já tem quatro cobertores”, “não tá fazendo frio”, entendeu? Então ela preocupava demais com os netos, então lembro disso, que era muito agradável essa lembrança da preocupação que ela tinha os netos.

8:17

P/1 – Professor e são quantos irmãos no seu lado, quantos irmãos são e em que posição da escadinha o senhor se coloca?

R - É uma escada, eu tenho 11 irmãos, então eu falaria do mais velho, que é uma professora, tem mestrado, mora em Brasília, mesmo no Plano Piloto, ela que nasceu primeiro, em 1944, ela tem uma diferença para comigo de 15 anos, então se eu olhar ela, eu fui nascer o décimo, depois veio o Pedro Luiz, décimo primeiro, a Márcia ngela, décimo segundo. Tive um irmão que estaria aí colocado nessa sequência, Cícero Flávio, que faleceu ao lado de meu pai e de minha mãe na cama, teve aquilo que eles chamam, de cianose, fruto de problemas inclusive cardíacos, mas era para ser um dos mais velhos, mas não resistiu e morreu. Então vivos até hoje, ainda bem, eu tenho, comigo somos doze filhos, então eu tenho onze irmãos. Se você quiser, eu guardo na memória, eu falo a sequência de cada um até os nomes.

10:00

P/1 – Professor, eu queria que o senhor contasse um pouco como é que era essa Bonsucesso da sua infância, como é que era essa cidade?

R – Como eu disse, é uma cidade pequena, se eu puder dizer número de habitantes precisos, chega a 20.000, claro que tem as arredores, que pode aumentar até 25.000, mas é uma cidade com 20.000 habitantes. E a época que eu vivi em Bonsucesso, falando da infância, nascimento 1959, até 1967, terminei lá o dito jardim de infância, brincava como as crianças naquela época, diferentemente das atuais, brincavam de bolinha de gude, soltar pipa, pique esconde, pega ladrão, também conhecido como polícia e ladrão, certo. Eu não sei na sua região Luiz, hoje você está em São Paulo, mas não sei você é nordestino, não sei, mas não sei, mas não importa. Você também teve a sua infância, não sei a diferença nossa de idade, mas a gente brincava de algo que chamava-se “bentaltas”, assim era conhecido, a gente derrubar a casa com aquela bola e ficar dando volta, lembra dessa brincadeira? Ou então uma que lá também era conhecido como “tífino”, atirar, quando chovia ficava o barro junto com a água e a gente ia brincar disso, fazer cruzeiros no solo molhado era uma brincadeira, além do que eu vou dizer, era muito comum nós juntarmos turma para jogarmos futebol, brincávamos de tudo, apanhávamos passarinhos na arapuca para colocarmos na minha casa em Bonsucesso, era uma casa muito grande, três andares, 36 cômodos. Naquela época em que meu pai estava no usufruto da herança da minha mãe e mais estável, a gente tinha viveiro na casa, tinha galinheiro, tinha aquário, pocilga, tinha esse aspecto de cuidar também, cada filho tinha uma função. Eu, por exemplo, cuidava do galinheiro, das galinhas. Então isso tudo fazia parte da minha infância, mas gostava muito de pular horta do vizinho, para pegar manga, jabuticaba, laranja, então era uma farra, a gente como menino sempre saltando muro de casa, casas, residências, lembro-me que às vezes os proprietários das casas, eles usavam aquela espingarda de sal comprimido e atiravam em nós, lembro que meu irmão... Lembro até hoje, não esqueço, estava em cima de um pé de jabuticaba, e aí deram o tiro acertou nele, ele caiu lá de cima do pé, o próprio proprietário foi até lá para socorrê-lo, e até pediu desculpa, aí aconselhou a quando precisar de alguma fruta, bater à porta dele pedir, mas a gente gostava mesmo era da aventura, pedir não tem graça: era pular o muro que era a aventura, o medo de alguém, os cachorros, tinha cães, então era aventura, se eu puder contar, conto mais... Pular no muro do clube, clube tem horário para fechar, piscina, a gente gostava de pular o clube para nadar a noite, de madrugada, aquela turma. Os passeios em sítios, fazendas, costumávamos ir a pé, 5, 10km, até 20, por exemplo, me lembro... Já não seria infância Luiz, mas já seria até quando eu servi o exército, mas eu lembro, eu caminhei de Santo Antônio do Amparo, até Bonsucesso, para chegar a Bonsucesso e participar de um baile, chamado bale do além. Baile do além, porque era em julho e não tinha ninguém na cidade, só aqueles que se preparavam para ir ao baile, baile do além, então estou me lembrando mesmo que não seja lá na infância. Então minha infância, até os 6 anos, depois dos 7, quando eu passei a voltar, continuei na meninice, nessas brincadeiras de menino. Começam a aparecer as meninas no pedaço, era a adolescência, até quando ia regularmente a Bonsucesso, por volta dos 16, 17 anos. Depois você começa a fazer o ensino médio em Belo Horizonte, começa a pensar em vestibular, as coisas mudam, aí de vez em quando, hoje com 62 anos, ainda volto lá para lembrar da cidade, que mudou muito pouco. Cidades pequenas praticamente não alteram, não mudam, é aquilo o resto da vida, só que as gerações vão mudando.

15:58

P/1 - Eu queria que o senhor falasse professor da sua primeira escola, qual foi a sua primeira escola e se teve algum professor ou professora que tivesse marcado a sua lembrança?

R – Em Bonsucesso eu fiz o Jardim de Infância, e aí normalmente a cidade é pequena, a professora acaba sendo que parente, às vezes é a tia, enfim, é familiar. Então você acaba tendo uma relação com a professora, que acaba sendo uma relação familiar, então o jardim da infância, ainda um pouco assim na minha memória mais vago, já o primeiro ano até o quarto ano primário, estou falando naquela época, não existia, hoje não existe mais 1ª série 2ª, 3ª, 4ª série primária, naquela época existia, eu estudei Belo Horizonte já, meu primário, primeira à quarta série, estudei no Grupo Escolar Caetano Azeredo, Bonsucesso eu cheguei a estudar no Grupo Escolar Protásio Guimarães, e aí nessa escolinha infantil, já em Belo Horizonte, o Grupo Escolar Caetano Azeredo, fica numa rua muito conhecida em Belo Horizonte, porque ela corta a principal avenida de Belo Horizonte, que é avenida Amazonas, a rua Guajajaras, onde fica a sede de um time mineiro muito conhecido, rival do Atlético Mineiro que é o Cruzeiro Esporte Clube, que é o Barro Preto, onde fica a sede do Cruzeiro. Então eu andava por aquela região, ia para escola a pé, sozinho, se eu puder contar e algo que você vai ir... A minha primeira experiência nessa escola, minha mãe confiando em mim, deixava eu ir só e voltar só, numa dessas de voltar, eu pedi a escola para sair mais cedo, e eles acreditaram, “tá nós vamos liberar você, porque sua mãe até pediu”, eu peguei e sai, só que ao invés de virar a direita, eu continuei, conclusão, eu tinha seis para sete anos, me perdi, em pleno Barro Preto, nunca esqueci disso, comecei a chorar, em plena Belo Horizonte, uma capital mineira, e me lembro que uma senhora, “filho o que foi?”. “Ah eu estudo no Caetano Azeredo e eu me perdi”, “a gente vai voltar à escola, a escola vai comunicar a sua família”, enfim, me pedir, mas fui reencontrado, então foi momento. Então como você perguntou, Nesse primário, professoras me marcavam, mas uma me marcou muito, eu gostava muito dela, mas muito

mesmo, podia ser até, se você já teve, aquelas paixões infantis, gostava dela, como vai ter lá na frente uma professora que me marcou muito no ginásio, mas lá no primário, foi a dona Daisy. Dona Daisy era inclusive filha de primo de minha mãe, e por essa relação ela gostava muito de mim, e eu dela. Então a dona Daisy que eu me lembro, foi a professora que me marcou no primário.

20:10

P/1 - O que é que motivou a sua mudança de Bonsucesso para Belo Horizonte? Você foi sozinho ou a família foi junto?

R – Não foi opção minha, foi opção de meus pais. Meu pai já não estava bem, financeiramente, não vou precisar entrar em detalhes, mas na vida você tem momentos em cima, depois embaixo, minha mãe foi levada, fruto dessa situação financeira, a vender a casa que ela tinha, eu falei que uma casa enorme, ela eu lembro, ela conta até hoje, para assinar a venda ela chorou muito. Vendeu essa casa em Bonsucesso, que acabou se transformando, em um dos andares, Caixa Econômica, outro andar, Banco do Brasil e o outro escritório de contabilidade, e o que comprou, que fez isso, cedeu para o Banco do Brasil, cedeu para Caixa Econômica e para escritório, ele também continua morando na casa, para ver o tamanho da casa, 36 cômodos não é qualquer casa, era uma casa boa, no interior, e ela vendeu. Ao vender, fruto de questões financeiras, nós fomos para Belo Horizonte, e aí lá em Belo Horizonte, nós já tínhamos, no caso eu tinha, e a família, outros irmãos mais velhos que já trabalhavam em Belo Horizonte. Maria Célia, já com 17 anos, trabalhava no magistério, era Professora, Maria Aparecida, também professora de geografia, a outra de história, Maria Aparecida de geografia, o Marcelo, estou falando na ordem, já estou te falando uma ordem, da mais velha, a Maria Célia, depois Maria Aparecida, Marcelo, já trabalhavam em Belo Horizonte, Márcio já trabalhava também, como bancário, Marcelo e Márcio bancários, ele no Bradesco e o outro no Banco de Crédito Real. E à medida que reuniam as condições, eles lá, meu pai foi para Belo Horizonte, para a capital, claro que não foi fácil, porque pai de minha mãe, a mãe dela estava viva, as irmãs, tudo viva, “pra quê? O que você vai fazer em Belo Horizonte? Bonsucesso é mais seguro, é mais tranquila a vida, você vai para lá com 12 filhos, morar na capital”. Conclusão, fomos! E eu fui pequenininho, eu saí de Bonsucesso, nasci em 1959, fui para Belo Horizonte em 1966, 1967 eu tinha então de seis para sete anos, os outros já eram mais velhos. Então foi uma situação, pode-se dizer que nos levou a mudar, questão financeira nos obrigou, já que os filhos mais velhos estavam em Belo Horizonte. Minha mãe foi com a Marcia ngela, a caçula, no colo, dentro do ônibus, a filharada dentro do ônibus com ela.

23:42

P/1 - O que é que o garoto João Bosco queria ser quando crescesse?

R – Vendo os meus filhos hoje, eu tenho dois, como todos jovens, eles em vários momentos querem ser alguma coisa. Eu pensei em ser várias coisas, mas posso dizer a você, sempre gostava da área de ciências naturais, ciências biológicas, então eu pensava, talvez por influência, naquela época era comum, toda família queria ter um filho o quê? Advogado, juiz ou então um médico, mas acredite se quiser... Quase que eu fui jogador de futebol, eu treinava no Atlético, passei a treinar no América Mineiro, América, mas um dia eu estava no meio do campo, com as chuteiras nos ombros, acabando o treino, meu pai ia me buscar, “não, você não vai ser jogador”, olha o que meu pai falou: futebol não dá futuro, você precisa ir para uma faculdade, universidade, estudar.” Hoje se você for olhar, vários jogadores fizeram universidade, Sócrates, Tostão, não vou citar todos. Mas eu não fiz, eu resolvi, já pensando, vim para Brasília morar com uma irmã, aquela que era mais velha, que já trabalhava desde cedo 17 anos, até 16 no magistério, ela mudou para Brasília em 1978, conheceu aqui um cirurgião-dentista, casou-se com ele, e eu vim morar com ela. E aí eu acabei... Na pergunta que você fez, tentando fazer medicina, fiz vestibular em Belo Horizonte, na federal, passei na primeira etapa, aquela época tinha primeira etapa, segunda etapa, não passei na segunda. Vim para Brasília, fiz vestibular, tinha três opções, coloquei a primeira medicina, segunda psicologia, terceira biologia, passei na segunda opção, comecei psicologia, seis semestres, fiz de novo medicina, conclusão, acabei fazendo biologia e hoje eu sou biólogo.

27:24

P/1 - Como é que se deu essa mudança para Brasília? E que cidade o senhor encontrou em Brasília, depois de tanto tempo em cidade pequena como Bonsucesso, Belo Horizonte e de repente na capital da República. Por que o senhor mudou para Brasília?

R – Sempre para deixar claro, Bonsucesso, nascimento e infância, Belo Horizonte, meninice e adolescência, até por volta dos 18 anos quando servi o exército em Belo Horizonte ainda, 12º Batalhão de Infantaria, pertencia a Companhia de Saúde, era enfermeiro, se houvesse uma guerra eu iria para guerra para socorrer os soldados, mas mesmo que tem alguma guerra não vou mais não, porque eu fui, agora eu sou isento, passei dos 60. Mas então, feito o vestibular em Belo Horizonte, essa minha irmã veio para cá, a partir do conhecimento e casamento com esse cirurgião dentista, e me trouxe para cá, com contrariedade do meu pai, meu pai não queria, “não acho que você deva ir”, mas acabei vindo. E aí aportei, baixei aqui em Brasília em 1979, julho de 1979. Vim fazer o vestibular na Universidade de Brasília, primeiro vestibular aprovado, não em Medicina, mas em Psicologia, segundo aprovado, mas não em Medicina, em Biologia, terceiro aprovado não em Medicina, em Biologia. Acabei fazendo bacharelado em Biologia, só que eu não tinha recursos, lutava com muita dificuldade, trabalhava vendendo produto estudantil na universidade, e o meu orientador, ele orientou-me, orientador é para orientar: “Eu acho que você deveria fazer não pesquisa, nem bacharelado, porque é muito difícil, você deveria fazer licenciatura”. E eu fiz então licenciatura em Biologia, o que me levou a ser professor.

30:17

P/1 – Professor, o senhor explicou como é que se tornou professor, qual foi o seu primeiro trabalho profissional como professor?

R – Eu terminei a universidade de Brasília, em 1980... Foram 10 semestre de Biologia, cinco anos, eu terminei 1984, logo em seguida, eu até vou fazer uma correção, eu não tinha ainda a habilitação, não estava formado, mas fiz o concurso, porque aqui em Brasília era permitido fazer sem concluir, quando fosse chamado tinha que apresentar a certificação. Então eu fiz concurso, naquela época era Fundação Educacional do Distrito Federal, hoje é Secretaria de Educação, então eu fiz esse concurso em 1984 e fui chamado, eu tomei posse dia 27 de maio de 1985. Quando eu terminei o curso na UnB, não tinha emprego, eu fiquei para descansar um pouco, eu trabalhei na universidade vendendo produtos estudantis. Eu fui ficar com a minha mãe em Belo Horizonte, e aí numa dessas, eu com a minha mãe, fomos à Vitória, e tínhamos um irmão lá, aquele Marcelo que trabalhava no Bradesco, sempre se deslocando, Rio de Janeiro, Niterói foi para Vitória, e eu fui com a minha mãe, e o dia que eu estava visitando um navio, aqueles navios antigos, que eles deixam visitar para conhecer o interior. Ele: o, estão te ligando de Brasília para você, para você estar lá amanhã, que a Fundação Educacional do Distrito Federal, está lhe chamando para apresentar documentos e tomar posse. Sai correndo, ele próprio, “não você não vai pegar ônibus, tem que ir para Belo Horizonte para que? Eu vou ver uma passagem direta para você ir para Brasília”. Acabou que eu vim para Brasília, e aí apresentei os documentos e tomei posse, dia 27 de maio de 1985, não vou avançar nas

perguntas se não vou explicar outras coisas. Primeiro momento meu na secretária, hoje secretária, foi em 1985. Se quiser saber quem era o presidente da República, José Sarney, mandato tampão, quem era o governador, José Aparecido de Oliveira, quem era o secretário de Educação, Pompeu de Souza, quem era o diretor executivo, Fábio Vieira Bruno, é por isso que lá no sindicato e eles dizem, “nossa, ele tem uma memória cavalari”, lembra de tudo! Então eu só lembrei governador, e todos que eu assumi a secretaria sobre a regi do presidente Sarney, mandato tampão, não tinha eleição, só fomos ter eleição em 1989 para presidente, e o Sarney então era mandato provisório, tampão.

33:58

P/1 - Professor, como é que se deram as suas primeiras aproximações com movimento social, como é que isso aconteceu?

R – Na Universidade de Brasília, eu vendia os meus produtos estudantis, na porta do restaurante universitário, tinha muita dificuldade financeira, não gostava de pedir nada a minha irmã, porque eu já me hospedava lá, dormia lá, e nem ao meu cunhado. Ao vender os produtos, você estabelecia amizades, pessoas conversavam com você, em casos pitorescos nessa Universidade, que não sei se depois, ou até conto, mas casos que marcaram a minha vida na universidade, aquilo que eu podia me antecipar, calotes financeiros. Como camelô, eu tinha meu dinheirinho, e muitas vezes emprestava para colega encontrar com namorada, compra gás, levar alguém para participar de uma festa, eu emprestava, mas chegou a um ponto que eu emprestei para um professor, e dei com os burros n’água, como se diz, porque eu fui cobrar no departamento de Engenharia Florestal, “João Bosco, você emprestou dinheiro para o professor Fernando, está tudo dele penhorando, vai à casa dele”. Eu até fui a casa dele, e ele me atenderam: “O que você quer? Televisão? Está penhorada! Quer a mesa? Está penhorada!” Conclusão: o que você faz na vida? Fica preso ao passado? Toca o barco e vai para a frente. Então, eu nesse processo de contato com os estudantes, porque todo mundo precisava de lapiseira me procurava, grafite, me procurava, régua T, matérias de engenharia. E muita gente ia ao Paraguai, Machu Picchu, Peru, “Bosco eu trouxe umas coisas, pode vender para mim? Você pede uma comissão.” E eu vendia, todo mundo me pedia, então eu era um camelô muito conhecido, além de estudar, e guardava minhas caixas dentro do laboratório de Biologia, no curso de Biologia. Então comecei a me envolver, na UnB tinha assembleias, 1979 ainda era ditadura, nós tínhamos como reitor, aquele capitão de mar-e-guerra que era o José Carlos Azevedo, e as tropas, elas invadiam regularmente o restaurante da universidade, onde nós estávamos comendo, e os cavalos invadiam o restaurante universitário, e nós começávamos, os estudantes batendo, e eu não ia ficar quieto, batia também talher, e gritava “fora, fora, abaixo a ditadura”. Participava das assembleias, isso na UnB. Então ali eu já comecei a gostar do “métier”, a gostar do ambiente. Aí comecei a participar das assembleias, invasões da reitoria, enfim, passei a ser alguém que pertencia ao movimento estudantil, aí comecei a conhecer a UBES [União Brasileira de Estudantes Secundarista], já não era mais nem UBES, porque eu já não estava mais no ensino secundário, no ensino secundário eu não tinha participação estudantil, era UNE [União Nacional dos Estudantes] já, universidade era UNE. E aí lá na frente, não sei se eu já me anticipo. A partir daí eu me formei, eu passei a dar aula, e primeiro ato meu como professor, porque o sindicato ele estimula isso, foi nomeado, se possível, porque o ato é voluntário, venha ao sindicato. Eu acabei de tomar posse fui me sindicalizar, me sindicalizei no Sindicato dos Professores no Distrito Federal, em 1985. A partir dali eu comecei a me envolver com o movimento sindical, não mais estudantil. Não sei se eu falo mais algo, interrompo por aqui.

38:15

P/1 – Eu queria que o senhor historiasse, a partir desse momento em que se sindicalizou, quais foram as mobilizações mais importantes de que participou nesse momento?

R – Se você lembrar, e você se lembra, não perguntei qual a sua idade, mas eu vou fazer 62, conclusão, eu passei de 59, mesmo na infância, 59, antes do início da ditadura em 1964, eu convivi com ela: em 1964 eu já tinha 6 anos, 5 anos, eu convivi com ela até 1985, certo? O ano da distensão política, da transição, e aí como professor, eu acompanhei um movimento importante, já acompanhei a fundação do Partido dos Trabalhadores, 1980, acompanhei a fundação da Central Única dos Trabalhadores – CUT, agosto de 1983, em 1984 eu participei nas ruas pelo movimento das Diretas Já, chorei muito, me lembro, sentado no meio fio no Eixo Estrutural de Brasília, você conhece Brasília, tem o eixo monumental, eixo estrutural, eu sentei lá, poucos choraram como eu, porque nós ganhamos, a Lei Dante de Oliveira foi aprovada, mas não tivemos o número exigido para naquela época, hoje ainda permanece, para mudança constitucional, três quintos. E aí o número que nós não atingimos, quase atingimos, conclusão, mesmo sendo aprovada a emenda ela não foi efetivada, porque não atingiu o número necessário, mas nós ganhamos a parada, mas não levamos, porque a lei exigia acho que naquela época, pelo número de Deputados na época, não era hoje como é 301 votos praticamente, ela não teve, porque não é o 171 não, era um número mais elevado, foi muito difícil, mas... Então marcou esse momento, e eu participei. Em 1985 eu já era filiado ao PT, não eu me filiei em 1987, 1985 eu era próximo, discutia e fui levado até a me filiar em 1987, pela primeira companheira minha, da minha relação conjugal na qual tive um filho, hoje é jornalista, não desempenha profissão é desenhista, aquilo que chama design de interior. Então em 1985 eu participei de um momento importante do país, eu participei e tenho orgulho de ter participado e visto, por isso eu me filiei ao PT, de participado da proposta que o PT teve de não participar do Colégio Eleitoral, compreendido que foi um momento entre escolher Sarney e Tancredo, o PT não foi ao colégio e eu apoie, porque não concordava. Nós precisávamos ter eleição para presidente, que só fomos ter em 1989. Lula candidatou-se, disputou o segundo turno com Fernando Collor de Mello, então marcou, e eu já no movimento sindical. Em 1986 participei da minha primeira greve, uma greve num momento difícil, a Nova República, lembra plano Dilson Funaro? E foram à televisão, falaram isso e aquilo, e nós fizemos a greve na Nova República, tivemos a coragem de confrontar naquele momento, Plano Cruzado 1, depois veio o [Plano Cruzado] 2, depois veio Bresser, depois já era o Sarney até 1989, 1988 era o Sarney, ele era o presidente, então 1986 marcou. Outro momento Luiz, se eu puder dizer, já digo logo, porque aí veio 1986 essa greve, o Plano Cruzado 1, 2, a Conceição Tavares chorando, lágrimas de crocodilo na televisão, na Globo. Aí vem o governo, não sei se você se lembra 1988, outro momento que me aproximou do PT, o PT não assinou a Constituição, lembra-se? Porque ele via avanços na Constituição, mas não mexia nas questões estruturais do país. Então o PT não assinou a Constituição, em 1989, aí já está fácil, primeira eleição presidencial que eu participo na vida. Quantos anos eu tinha 1989? Já tinha 30 anos, fiquei 30 anos para votar em um presidente, para ter essa oportunidade de votar, talvez não saiba sua idade Luiz, mas você não sei se teve essa oportunidade antes, depois em off a gente vê qual sua idade, mas eu só fui votar para presidente em 1989, o Lula, teve vários candidatos, você se lembra, Ulysses Guimarães até foi candidato, um série deles, e o Lula passou para o segundo turno. Aí nós nos lembramos da fraude, a Globo aprontou nessas eleições, utilizou-se o principal debate, colocando os piores momentos do Lula e os melhores do Collor, e aí teve a questão do sequestro organizado do Abílio Diniz, colocaram camisa nos sequestradores do PT, enfim, tiraram os ônibus no dia da eleição dos principais centros. Aquela eleição o Collor ganhou na fraude, mas depois de dois anos recebeu impeachment. Então marcou 1989, depois 1992, se há de convir, né! O movimento do impeachment do Collor, onde é que eu estava dentro de casa? Não, estava na rua, junto com

os caras-pintadas, só que ali eu não era estudante, eu era já sindicalista. Quero lembrar você que teve uma greve que muito me marcou, eu acho que eu não falei, foi exatamente 1986, foi a greve em que... 1986 exatamente, perdoe se eu errar, mas o Sarney era o presidente, não tinha eleição ainda e nós fomos as ruas, e aí... Isto! Não tinha eleição para presidente. Mas tinha para governadores, lembra? 1988 tinha para governador, 1986 governador, estava ainda pós Nova República, e em Brasília teve um movimento, que marcou o Brasil inteiro, nós nos assustamos com a adesão da população. Porque o PMDB, naquela época era PMDB ou era MDB, ele vai e volta, MDB, PMDB, agora é MDB de novo, ele elegeu a maioria dos governadores, em cima daquele plano do Sarney “fiscais do Sarney”, lembra? Controle de preço. Ele ganhou a eleição veio o quê? O estelionato eleitoral, lembra? Esse estelionato nos levou a rua, mas eu nessa época, já estava embrenhado dentro do SINPRO, não estava na direção, mas bem no interior do sindicato e ajudei a convocar não só os professores, mas a sociedade brasileira, e para nossa surpresa, nós vimos mulheres humildes, simples, com panela na mão batendo. Batendo panela ali, diferente das panelas para tirar a Dilma, ali era panela de trabalhador, gente sofrida, que mal tinha o ovo para cozinhar. Porque elas foram golpeadas, os preços explodiram, impressionante a Esplanada foi tomada de trabalhadores e trabalhadoras. E aí como sempre houve uma armação do governo local e do governo federal, eles esperaram terminar atividade na Esplanada, lá próximo ao Congresso, quando ela terminou o caminhão de som, “vamos voltar para casa, não aceitem provocações, volta em paz, o ato foi maravilhoso, a manifestação foi linda”, e ela era conhecida como “panelaço”. E eles no outro dia, após terem feito o que fizeram, começaram a colocar fogo em parada de ônibus, dentro de Rodoviária, vários ônibus pegando fogo, ônibus vazios, tiravam as pessoas dentro do ônibus, jogavam tocha, policiais com máscara colocando fogo. E eu me lembro de cenas, amigos, professoras, levando até espada de militar nas costas, tudo que eles puderam usar bomba de gás lacrimogêneo, gás de pimenta, e nós correndo, porque virou pandemônio o centro da capital da República. Conclusão, lá para as 10 horas [da noite] eu consegui chegar em casa, não fui preso não, vários foram, mas uma armação do governo, polícia, você conhece P? Agindo no movimento, para desestabilizá-lo. No outro dia, o que apareceu em todos os jornais, para atender aos interesses da burguesia? “PT e CUT promovem badernaço.” Olha o nome, “badernaço” é baderna, é diferente de panelaço; panelaço é reivindicação, e as manchetes dos jornais eram essas: Folha de S.Paulo, O Globo, “PT e CUT promovem badernaço”. É um momento que marcou minha memória. E aí já estamos então, 1986, 88, Constituinte, 89 eleição, 92 impeachment do Collor. Já era então, atenção 1989 a 1992 era o meu primeiro mandato sindical. Fui eleito numa chapa que ganhou eleição com uma frase do professor Moacir Gadotti: “Educar para a liberdade”. Foram três chapas, nós ganhamos a eleição. O meu primeiro mandato foi 1989 a 1992, dou uma paradinha aqui? Se não eu conto tudo!

50:10

P/1 – Já era nesse momento a direção colegiada ou ainda era a estrutura clássica de presidente, vice-presidente, etc...?

R – O sindicato tem uma história, 42 anos, 1979 ainda era uma Associação, tornou-se sindicato, tinha como presidente o Libério Pimentel, ele teve dois mandatos consecutivos. Em 1986 a primeira gestão presidencialista, onde a presidente, nós tomamos o sindicato do Libério, e em 1987 filiamos o sindicato a CUT, 1987, então essa gestão de 1986 a 1989 era presidencialista, a do Libério, depois a da Lúcia Carvalho era presidente. Em 1989 começou a surgir uma discussão, mantém o presidencialismo ou transforma-se em direção colegiada? Eu me lembro dos expoentes da categoria, a Lúcia Carvalho era um expoente da categoria, figura importante, reconhecida, veio até ser deputada distrital, Márcio Baiocchi Fracari, Márcio era um professor respeitado, intervinha na assembleia, todo mundo escutava, tinha também a Lúcia Iwanow, sempre escreveu muito bem, trabalhava na imprensa do sindicato, e tinha o Walter Ney Valente, o dito Peninha, então eu citei quatro expoentes, tinha as outras figuras, tinham seu lugar, mas esses quatro eram mais influentes e conhecidos na categoria. Então surgiu uma discussão nesses quatro, um deles manteve a linha de presidencialismo, o Walter Ney Valente, o Peninha, os outros três, Márcio Baiocchi, Lúcia Iwanow, Lúcia Carvalho mantiveram a proposta de mudar para o colegiado, conclusão, fomos para a eleição. Eu estou dizendo para você que ainda estava na base, não fui convidado para fazer parte da direção, mas em qual lado, eu não queria essa divisão por causa... Como é que se diria, forma de gerir o sindicato, eu não queria, eu achava que isso era secundário, mas acabei ficando do lado dos que defendiam o colegiado, então me candidatei junto com a chapa do Márcio Baiocchi, da Lúcia Iwanow, da Lúcia Carvalho, contra a chapa do Walter Nei Peninha, que tinha um nome Praxis, vem de prática, um nome aí, Marx, Paulo Freire, Praxis, tinha uma outra chapa, tinham 3, tinha ainda aquilo de segundo turno, acabamos indo para o segundo turno e ganhamos a eleição.. Ganhamos a eleição, foi implantada a diretoria colegiada, e até hoje continua sendo colegiada, não teve mais presidencialismo no sindicato. Há inclusive pessoas que querem retomar a discussão, porque alguns alegam que diretoria colegiada todo mundo manda e ninguém manda, e a imprensa, você há de convir, imprensa gosta de falar, acredite se quiser, com o presidente, a imprensa tem na sua cabeça a formação presidencialista, será que eu fui claro? Então mesmo não sendo diretoria presidencialista, a imprensa vai em cima de alguns diretores, que acabam passando imagem de presidente do sindicato, e eu posso citar, na época do colegiado dava mais entrevista a Lúcia Carvalho, a imprensa ia para cima dela, ou às vezes o Márcio Baiocchi, mas mais a Lúcia Carvalho, depois em outro período, o casal Marcos Rogério Vasconcelos, conhecido como Pato e a Rejane Pitanga Guimarães, eram os que a imprensa mais entrevistava. E eu tenho que ser honesto, sincero com você na entrevista, eu dificilmente era procurado por alguém da imprensa, e eu gostava, eu sou sincero, eu gosto de falar, eu gosto de intervir, nunca deixei de intervir em uma assembleia, aliás é uma surpresa pra mim, imensa, você me ligar dizendo que meu nome foi indicado, parece-me que você disse pela minha querida e amada companheira, que eu prezo, podemos ter até divergências, natural que podemos ter, mas eu a prezo, a estimo muito que é a Rosilene Corrêa. Rosilene trabalhou na imprensa, trabalhou na tesouraria, e está hoje aposentada na direção. Então eu estou dizendo que continua tendo essa, não por parte... Até da imprensa, ela ia quero falar com alguém, mas sempre tinha alguém. Então acabava continuando os expoentes da categoria, por exemplo, esqueci de falar outro expoente da categoria, não sei se você conhece, hoje ele é secretário de relações internacionais, não sei se conserva esse cargo na CUT, que é o Antônio Lisboa Amâncio, o Lisboa, você conhece? Não sei! O Lisboa é uma figura muito proeminente na categoria, então se você quiser, eu te dei nome, figuras importantes, primeiro o Libério Pimentel, foi uma figura importante era presidente do sindicato, a Lúcia Carvalho, Lúcia Iwanow, Márcio Baiocchi, Walter Ney Valente, Marcos Rogério Pato, esse aí eu vou ser honesto, posso? Sempre estive do nosso lado, a esquerda, de repente, puff... Foi para onde você jamais imaginaria, foi ocupar cargos em gabinetes de deputados distritais, federais, última vez que eu encontro com ele, ele estava fazendo campanha pro Laerte Bessa, conhece? Trabalhou para figuras ligadas a Eurides Brito, que dizer, ele condenou todo o passado dele, e hoje estranhamente, sempre defendeu a CUT, PT, hoje passa longe do PT e da CUT, é muito estranho, mas atenção, eu respeito a ele, mas são as reviravoltas que a vida dá, concorda comigo?

57:37

P/1 - Perfeito! Mas me interessa mais a sua história.

R – Sim, eu estou contando a minha, porque eu fiz parte dessa história.

57:46

P/1 – Eu queria pontuar a seguinte questão, quais o senhor considera hoje os maiores desafios que estão colocados para o SINPRO como entidade sindical compatível que sempre foi?

R – O SINPRO tem toda uma história, ninguém pode negar, são 41 anos de vida, luta e resistência, o SINPRO participou de vários, ou pode-se dizer de todos os grandes momentos que o país atravessou, desde a sua origem 1979, passado 79, 21, 42 anos, o SINPRO sempre presente na luta, evidente que se nós olharmos nesse momento, aí eu vou falar uma opinião minha particular, é minha, ninguém está influenciando a minha palavra, eu acho que nesse momento nós estamos diante de um caos no país, nós estamos diante de uma situação dramática, trágica, você está acompanhando, porque essa entrevista poderia ser pessoal, poderia ser frente a frente, nós estamos numa vídeo câmera, e nós estamos tendo isso, estamos tendo, os professores vão fazer quase dois anos em um tal de ensino à distância, “teletrabalho”, home office. Então hoje o grande desafio, não para o SINPRO, porque sozinho o SINPRO não conseguirá se opor a essa situação, é necessário o movimento sindical como um todo, as centrais sindicais, os partidos políticos. E para mim o grande desafio hoje é pôr fim a esse governo, para mim um desgoverno do traste, inútil, nominado do Palácio do Planalto. Não há solução para a crise sanitária com este desgoverno à frente, em uma situação que eles estão se aproveitando da pandemia, para passar a boiada, estão nos retirando todos os direitos, eu não sei mais o que eu tenho, eu não, nos trabalhadores, o que mais vão nos tirar? A semana retrasada... Você acompanha o senhor tem uma formação na rede de comunicação, no jornalismo, você acompanhou a PEC da morte, a PEC 186, ela acaba com o serviço público, mas não satisfeitos, estão preparando a contrarreforma administrativa, aí nós temos a frente, eu vou falar o que eu penso Egypto, nós temos o capeta, um demônio a frente do ministério da economia, o que ele faz é tirar direitos, atacar direitos, destruir o serviço público, entregar o país, está privatizando tudo, Banco do Brasil, Caixa Econômica, a água, base de Alcântara, Infraero, Embraer, o que mais o país vai entregar? E o nosso país precisa defender o seu patrimônio, Luiz. Ele precisa ter soberania, e hoje nós temos umas forças armadas, como diz o senador Roberto Requião, que é tenente coronel da reserva, em uma conversa particular comigo, num shopping eu e ele, ele falou: essas forças armadas a qual eu pertenço como tenente coronel da reserva, me envergonha. Porque elas estão de quatro assistindo a entrega do país, a destruição do patrimônio público, da soberania, uma situação. Então um grande desafio para mim Luiz, o maior de todos, e pôr fim a esse desgoverno, porque se continuar assim. E eu não sou daqueles, atenção Luiz, que queira, como alguns dizem, vamos sangrá-lo nas redes para tomar o poder em 2022, não, não tão simples, porque queiramos nós ou não, ele de cada três brasileiros, ele tem um com ele, ele ainda tem um com ele. Se formos analisarmos estatisticamente um em três e 33%, e as pesquisas confirmam todas, ele tem entre 30, 35, que considera ele bom é ótimo, e olha o que ele faz, ele se aproveita disso Luiz. Isso é muito importante, o que ele faz? “Tudo bem, eu estou querendo reeleger-me, todo mundo está a falando a mesma coisa, distanciamento, máscara, vacina, eu vou falar tudo ao contrário e vamos ver quem está comigo”. Conclusão, a estratégia dele está dando certo, porque ele está nadando numa raia própria, essa raia tem os tresloucados que o apoiam ainda, veneram ainda o nome dele. Então nós corremos o risco de que se não soubermos o que fazer, nos termos ele no segundo turno, e ser reeleito, não vou dizer que vai acontecer, mas pode acontecer, pode acontecer. Quero isso? Jamais, não queremos, então o SINPRO ele está dentro desse processo como um sindicato importante, e que necessitamos dar um fim, eu diria assim... Eu vou até falar, dia 25 foi ontem, não foi Luiz? O Papa Francisco solicitou em cadeia mundial que todos nos orássemos ao meio dia um pai nosso contra o mal da pandemia, eu recebi esse vídeo de várias professoras que gostam de mim, e eu respondi: sim, eu quero lutar contra todos os males, toda opressão, toda violência, discriminação que graça na terra e no Brasil é claro, como parte da terra. Mas eu disse: hoje eu vou orar um pai nosso para nos combatermos dois males que grassam o país, primeiro mal, o Sars-CoVi-2 o COVID-19, que é um vírus, um vírus lento, maligno, mas não esse mal só não, tem um outro mal instalado no Palácio do Planalto, eu quero combater esse mal, porque a continuar ele vai destruir todo juntos dos país é claro. Então o desafio para mim do movimento sindical e entender esse momento, se eu pudesse falar algo mais, não sei se você vai perguntar. Eu fico muito, muito angustiado, porque se você olhar o “teletrabalho”, os nossos alunos são de redes públicas, filhos de trabalhador, será que eles estão tendo algum resultado efetivo? Mesmo considerando que os professores e professoras, abnegados e valorosos, parceiros da minha profissão magistério, estão dando tudo de si, mas eu tenho ouvido professores, o efeito é pífio, mínimo. O ano passado nós tivemos 40, 50% dos alunos da rede pública que evadiram da escola, porque muitas vezes ele não tem computador, quando tem um e para dividir entre cinco filhos. Então você veja o caos, e me preocupa, eu quero é ensino presencial, o ano passado não tinha perspectiva da vacina, certo Luiz? Não tinha! Então nos tínhamos que dotar naquele ano, se não tivesse perspectiva como não tinha da vacina, de toda segurança para o retorno as aulas, os governos e prefeitos não fizeram, nem o Governo Federal. Paralisaram a testagem, não tem mais teste no Brasil, afrouxaram a questão nas ruas do uso de máscaras, hoje eu sou sincero com você, você anda nas ruas, pessoas andando com máscaras no queixo, é para pôr no nariz, sem máscara, você entra em loja não tem a medição de temperatura, os supermercados aglomerando, não a fiscalização, o metro lotado, os ônibus lotados, que dizer, assim não resolvemos. Ai entrou a vacina, a vacina entrou, eu quero a vacina, quem não quer? Você quer! Agora qual é o problema? 130 países hoje no mundo, não tem uma gota de vacina, Luiz. Por quê? Porque a vacina virou um negócio bilionário, que está ligada aos laboratórios particulares, principalmente a Biofarma, é outro desafio, quantos desafios eu estou falando? Defender os direitos, defender as reivindicações, lutar para revogar a contra reforma da Previdência, a contra reforma trabalhista, as privatizações, tudo isso é desafio para o SINPRO, mas que ele só, isolado, não irá a nenhum lugar, é preciso essa luta conjunta, de todos os servidores, porque hoje, como sempre foi, o servidor público, eu sou servidor público. O SINPRO defende a rede pública, nos servidores somos sempre bode expiatório de toda a crise e agora, quase aprovaram no Congresso, Luiz, não sei se você sabe, quase aprovaram Luiz, a redução do nosso salário em 25%. Eu que já estou há sete anos sem reajuste, agora vou ficar mais 15, imagine se reduz um quarto. Então eu digo, como humilde professor, Luiz, nós estamos matando cachorro a grito, a situação está dramática, nós estamos fazendo para comer, não é nós não, você também, nós todos, estamos no mesmo barco.

1:07:48

P/1 – Professor, vamos pensar em uma situação hipotética, que é a seguinte, um jovem, um rapaz, uma moça que decidiram ser professor ou ser professora, o que o senhor diria para eles?

R – É uma profissão que eu digo, nos dá muito orgulho, mas evidente que eu tenho que ser honesto, vocês vão enfrentar... Eu falava isso para os meus alunos, vários alunos meu e alunas minha, viraram professores, outros seguiram outras profissões, mas nas assembleias dos professores, quando eu comecei a dar aula no Gama, Centro de Ensino Fundamental 4, Setor Leste, 1985, menino que tinha 12 anos, eu encontrei com eles

em assembleia dos professores. “O que você tá fazendo aqui?” “Uai, professor, passei no concurso agora sou professor.” “Me dá um abraço aqui.” Que dizer aquilo que eu falara para ele, mostrava a importância da profissão, mas a dificuldade de ser professor nesse país, em qualquer município, é uma profissão desvalorizada pelos mais variados governos, basta ver que nesse momento o governo atual de Brasília, o governo atual, Ibaneis Rocha, ele fez campanha dizendo que os professores têm que ser valorizados, e que no governo dele professor vai ganhar salário tal qual juiz, eu estou esperando isso aí. Eu com o salário do Moro, juiz hein! Aquele “juizeco” de Curitiba que virou mito e agora ele está no lugar que ele merece. Então veja, ele falou nos carros de som do governador. “Professor é a mais importante profissão, porque é dela que todas as profissões são provenientes.” Porque primeiro tem que saber ler, graças aquela professora lá do primário, ele tem que desenvolver conhecimentos junto ao professor, fazer um concurso, fazer um vestibular, tudo isso o professor está presente. Então eu digo, para esses jovens, jovens gerações, é uma profissão belíssima, de muito orgulho de quem a faz, mas é uma profissão que não é reconhecida, não é valorizada devidamente, seja nas condições salariais, nas condições de trabalho e nas próprias condições de vida. Querido Luiz, se eu puder falar assim com você, amado e querido Luiz, cada dia eu recebo com dor a morte de um colega meu, hoje eu recebi, não sei, eu vou enviar para você, um vídeo que gravaram em Goiás, SINTEGO, Sindicato dos Trabalhadores da Educação em Goiás, em homenagem a todos os professores que morreram no início da covid até aqui, claro que morreram várias pessoas, mas eu estou te situando o inúmero, o grau imenso de professores morrendo, e olha que coisa estranha, inclusive no “teletrabalho”, inclusive dentro de casa, imagina uma situação de nós em sala presencialmente. E aí eu volto à discussão, temos que ter vacina? Temos! Mas no quadro que está eu não sei se esse ano resolve não, e eu vou até dizer para você Luiz, eu sou um pouco Ariano Suassuna, eu para mim, com o Ariano diz, o otimista é um tolo, o pessimista é um chato, o realista é um esperançoso, eu me encaixo nessa categoria, eu sou realista. Eu analiso dia após dia, hoje é sexta-feira, eu estou diante dessa digna e nobre pessoa, Luiz Egypto, junto com Alisson, junto com a Wini, então estou fazendo algo aqui agora, tive que cancelar minha consulta odontológica, porque eu ia ser atendido por você, vou até ligar para lá assim que terminar, para ver se me atendem hoje ainda. Onde eu quero falar isso, é que você a todo momento está vendo esse quadro de companheiros... E é todo dia, sendo ceifados dentro desses 300 mil, 300 mil antes de ontem, né! Agora já dever estar em 310, porque a curva está aceleradíssima, três mil mortos por dia, é algo assim, impensável. Então eu recebi esse vídeo, emocionante, eu vou enviar para você, já que nos temos WhatsApp, e é um conjunto de professores, que inclusive eu estou pedindo ao SINPRO, não sei se você entra nessa, pode até entrar, que faça um registro, documentado, com jornal, de todos os professores e professoras do Distrito Federal, na rede pública e particular que foram vítimas, ceifados pelo covid-19. Falo isso com os professores: Bosco que ideia maravilhosa, vamos colocar para o SINPRO. Porque é um reconhecimento ao lugar que professores e professoras, importantíssimos na sociedade, meus abnegados ou minhas abnegadas, valorosas e valorosos companheiros, que estão morrendo diante da covid na crise sanitária. Concluir, eu digo de novo, esses jovens, esses garotos que querem ser professor, e olha, diante do quadro na sociedade, vou ser honesto com você, os alunos cada vez mais se afastam do magistério, não estão querendo. “Eu ser professora para sofrer como sofrem os professores”. Eletricista meu: professor, o que senhor tira em um mês eu tiro em três dias, uma semana, mecânico, bombeiro hidráulico, e isso não na época da pandemia, né Luiz, porque hoje está tudo muito difícil para todo mundo, mas antes sujeito falava. Sou eletricista, sou mecânico de carro, seu eu consertar quatro carros por dia, R\$300,00 em cada conserto, R\$1.200,00, se isso foi ao longo de 20 dias, eu vou tirar quanto professor? Então, alunos meus, que viraram mecânico, viraram eletricista, nem todo aluno foi par a universidade, mas não pense você que hoje, a profissão por mais bela que seja, ela não está tendo muito atrativo perante a sociedade. Porque os alunos veem o sofrimento, a desvalorização, o desconhecimento por parte das autoridades, seja federal, estadual, municipal, perante o magistério. Eu não sei se eu fui suficientemente esclarecedor na sua pergunta.

1:15:05

P/1 – Foi sim professor! Eu queria encaixar mais uma, porque as suas histórias são tão ricas que eu já estou razoavelmente satisfeito com todo o conteúdo que o senhor está passando para nós. Mas eu queria agora voltar um pouquinho para o plano pessoal rapidamente, que o senhor me dissesse, o senhor é casado? Tem filhos? Que fazem os seus filhos? Só para a gente ter esse registro mais pessoal.

R – Eu a parti do meu ingresso na Secretaria de Educação, antes Fundação Educacional, eu nas negociações, em assembleias, eu fui eleito para participar da comissão negociação, naquela época a primeira rodada de negociações que eu participei, foi no governo José Aparecido, onde o secretário era o Pompeu de Sousa, e o diretor executivo Fábio Vieira Bruno, e lá eu tive, pode-se dizer a alegria, a satisfação, o prazer, a sorte de encontrar a minha primeira parceira, a professora Maria Auriene Vieira, hoje assessora da deputada distrital Arlete Ademar Sampaio. E com ela eu vivi de 1987, foi inclusive ela, eu vou registrar, que eu reconheço, como importante momento da minha vida, que me trouxe para o Partido dos Trabalhadores, e também me trouxe para uma organização interna, uma corrente interna do PT, a corrente O Trabalho, que é uma tendência interna do PT, que na época do movimento estudantil tinha como nome a LIBELU, liberdade e luta. Então em 1987 eu ingressei, eu posso contar algo assim pitoresco, pode? Estou livre? Eu não tenho amarras não, eu não tenho nada que desabone a minha vida, a minha vida é aberta para quem quer que sejam, alguns até: Bosco você abre demais! Uai, muitos me pedem para escrever livros, se eu vou fazer uma autobiografia eu vou esconder o que? Não vou esconder nada! Então eu conheci a Auriene numa das mesas de negociações, a negociação terminou naquele determinado dia e nós saímos para comer uma pizza, tomar uma cerveja, um vinho, e ela morava na Asa Norte 210, e ela me convidou para ir ao apartamento dela, nada de mais até aí, certo! Pessoas conhecem pessoas, e eu sou curioso, e comecei a mexer nuns papéis, num momento que ainda era saindo da ditadura, e ela preocupada, podia imaginar tudo de mim, que eu pudesse ser um agente infiltrado, ou não, e aquilo preocupou, “o que você está mexendo nesses documentos, esses documentos são internos”. “Não Auriene, tudo bem, desculpe, eu sou curioso, só queria ler”. Ela naquela época, consultando a Arlete, que era coordenadora da corrente, “traz ele, convida ele para a corrente”. Conclusão, fui parar dentro do PT e dentro da corrente O Trabalho, de 1987 a 2007, militei organicamente dentro da corrente, estive com ela lado a lado, desde 1985 até 2005, correto? Conjugalmente eu vivi com a Maria Auriene Vieira, 18 anos, dessa relação éramos para ter outros filhos, mas lamentavelmente ela não conseguia, por uma questão feminina interna do organismo, segurar as crianças, e ela teve que passar por uma cirurgia, nome biológico de cerclagem no útero, essa cirurgia permitiu ela a ter o meu filho primogênito, que hoje está com 27 para 28 anos, que é o João Pedro Vieira Castanheira Monteiro Lobato, esse que eu lhe falei, que fez jornalismo, não se adaptou a profissão, fez outro curso, design de interior, e hoje trabalha nessa área, então é o João Pedro 27 para 28 anos, em 2005, fruto de situações normais em todo casal, somos amigos, amicíssimos, muito amigos, não chegamos a casar nem no civil, nem no religioso, tá dando para entender Luiz? Não chegamos a casar nem no civil, nem no religioso, mas vivemos juntos 18 anos, tivemos um filho, mas a vida como eu te disse, idas e vindas, encontros e desencontros, e reencontros. Continuo tendo relação com ela de amizade, agradável, vou ao apartamento dela, as claras, mas não estamos carnalmente mais juntos. E acabei conhecendo uma professora que é hoje a mãe do meu segundo filho, que também como elas, são aposentadas e que também transitavam no gabinete da deputada Arlete Sampaio e que a própria Auriene, preocupada com os meus, a minha relação afetiva amorosa, olha

tem uma pessoa que eu queria ver, indicar para você namorar. Pronto, comecei em dezembro de 2005, já não estava mais com a Auriene carnalmente, a me relacionar com atual Jojete de Freitas Pereira que nesse momento, no local onde eu moro, as condições de para eu atender você, são muito insalubres, porque eu tenho um plano B, eu moro num hotel e venho aqui ver o meu filho com a mãe dele, então os dois saíram, nem sei se o Gabriel saiu também, acho que ele saiu com a mãe também. Nesse momento eu estou no apartamento, no computador do meu filho, eu não tenho computador, eu fiquei: Gabriel, no celular dá para atender o Museu da Pessoa? Ele vai entrar em contato. “Pai, no celular da, mas no computador é melhor, a imagem é maior, você fica mais à vontade sentado na cadeira.” Entendeu? Então eu estou aqui, então se você entendeu, duas companheiras, uma 18 anos, um filho, João Pedro Vieira Castanheira Monteiro Lobato, segunda relação, também não casei nem no civil nem no religioso, com a atual Jojete de Freitas Pereira, um filho, Gabriel Freitas Monteiro Lobato, da para ver do meu lado um teclado? Ele está fazendo oitavo ano, adora música, toca clarineta, toca violão, e agora se apaixonou pelo teclado, pelo piano, então esse é o meu filho caçula, tem 13 para 14 anos. Eu acho que eu respondi, dois relacionamentos, dois filhos.

1:20:50

P/1 - Respondeu sim professor! Eu me julgo muito satisfeito com a sua entrevista, eu acho que o senhor fez um painel muito abrangente de toda a sua militância, de toda a sua inserção no movimento social, e eu estou absolutamente agradecido pelas suas lições e pela sua memória prodigiosa. Mas eu queria encerrar com uma pergunta singela, queria que você dissesse para nós, quais são os seus sonhos?

R – Olha, para mim um sonho sonhado só, é apenas um sonho. Agora sonhos que se sonham coletivamente pode virar realidade, eu me considero, não bato no peito e me declaro, mas eu luto para sempre ser um revolucionário, que busca revolucionar, transformar aquilo que está a nossa volta e para isso é necessário muita leitura, muito estudo, muita teoria e muita prática, não adianta teoria sem prática. Está cheio de professor aí acadêmico e não tem prática nenhuma, mas tem teoria, eu acho que não basta só a teoria, ela é importante é, mas a prática tem que estar junto. Então eu tenho um sonho, e é um sonho, não sei como é que você avaliaria que alguns chamam de utopia, o meu sonho maior é acabar com a propriedade privada dos meios de produção, meu sonho maior é acabar com o imperialismo, etapa superior do capitalismo, como dizia Lenin, no seu histórico livro em 1920. E o nome do livro é “Imperialismo Etapa Superior do Capitalismo”. Porque hoje nós vivemos num sistema que não oferece nada de positivo para a humanidade, a não ser a sua própria destruição, guerras, pandemias, essa não é a última, e nem foi a primeira, virão outras. Você pega a história da humanidade, então privatizações, desregulamentações, flexibilizações, destruição dos pilares de uma sociedade civilizada, educação e saúde são pilares, são importantíssimos, então o meu sonho é implantar um outro sistema, é uma batalha qualquer? Não sei se eu vou estar vivo não, viu Luiz! Acho que não, porque uma batalha árdua, longa, por uma sociedade pautada na propriedade social dos meios de produção. Onde fábricas, indústrias, bancos, estejam na mão, no controle do estado tudo diferente que a gente vê hoje com Paulo Guedes, ele não fala nem mais estado mínimo, é ausência do estado, é claro que eles querem o Estado ainda, eles querem, para atender cada vez mais os interesses da minoria. Então você já deu para entender, que eu luto como estratégia, e cada luta que a gente trava, por melhores salários, por terra, melhores condições de trabalho, para pôr fim ao desgoverno do traste inútil, nominado do Palácio do Planalto, contra a reforma da previdência a trabalhista, a que vem aí administrativa, cada lutazinha dessas, ela se soma é um grãozinho de areia, nessa luta maior para ter uma sociedade que muitos falam, mas param no meio do caminho, porque todo mundo é fácil falar, justa, igualitária, fraterna, eu pergunto, isso é possível no capitalismo? Aí eu acrescento justa, igualitária, fraterna e socialista, é o que eu luto, mas eu vou mais além, porque o socialismo é uma etapa transitória entre o capitalismo e o comunismo. Porque nós tivemos sociedade escravagista, você acompanhou, tivemos a sociedade feudalista, depois tivemos o próprio capitalismo. O capitalismo no seu início, ele foi positivo, quem é que vai falar que não? Teve avanços, conquistas, basta ver o que era o feudalismo, Idade Média, onde a educação era destinada só a nobreza e o clero. Então o capitalismo teve o momento de avanço positivo, hoje não! É a reação a toda ordem, é a destruição da humanidade, e eu estou assistindo isso, posso dizer Luiz, três bilhões e quinhentos milhões de pessoas hoje, em plena pandemia, não tem água e sabão, medidas mínimas de saneamento para lavar a mão. Três bilhões e quinhentos milhões de pessoas, a metade da população que trabalha, porque a minoria que trabalha, milhões não trabalham, ganham não sei se você sabe, cinco dólares por dia, é assustador, você coloca R\$25,00, então é de 600. E o governo como nosso, desgoverno, tínhamos que era para ser um salário mínimo como auxílio emergencial, R\$1.200,00 que o PT defendeu, aprovou 600, ele passou para 300, acabou com auxílio, e agora volta com um auxílio miserável, e para aprovar o auxílio ele coloca como condição o ajuste fiscal. Então essa sociedade eu quero transformar, esse é meu sonho, eu durmo e acordo sonhando com essa outra sociedade, mas eu repito, o socialismo como transição, eu termino aqui, esse é meu sonho! Eu não acho que vou estar vivo para ver isso, nem meus filhos e netos, se continuarem a minha luta, mas eu quero uma sociedade sem classes, sem opressor e oprimido, sem dominador e dominado, sem, como eu diria, o explorador e o explorado, não a sociedade como é a do capitalismo, a exploração do homem pelo homem e para isso hoje eu termino por aqui, temos uma situação que nós precisamos da vacina, concorda Luiz? Todos, mas a vacina não pode ser um negócio para obter lucro através da Biofarma, você não pode buscar lucros com vidas humanas, eu hoje defendo que quebrem-se as patentes das vacinas em todo o mundo, os governos ricos não querem, os pobres estão pedindo. Porque a África não tem vacina, 130 países não tem uma gota de vacina ainda, e os países ricos, Canadá, comprou o dobro de vacina que ele precisa, será que é para revender, será possível? O Brasil nessa situação dramática, nos precisamos de dois bilhões de vacina, por dia Luiz, duzentos e trinta mil. Você já foi vacinado? Eu estou esperando, estou com 62 anos, diabético, hipertenso, enfim, defendo a vacina, mas eu termino dizendo, meu sonho é uma outra sociedade, uma sociedade, para ficar claro, fraterna, igualitária, justa e socialista e no momento posterior, após socialismo, seremos todos iguais, onde tudo que a terra produz, todos terão acesso a ela, seja educação, a saúde, alimentação, eu não falei alimentação, olha para a alimentação hoje Luiz, olha o preço da carne, aliás vou brincar, posso fazer uma brincadeira? Eu termino aqui, vou terminar. Eu digo essa frase: nós estamos entrando na semana santa, não estamos? Pelo calendário cristão católico, semana santa domingo, domingo de Ramos, dizem que nós temos que fazer jejum, abstinência de carne, não é? Eu digo, comer carne na semana santa, não é mais pecado, é milagre. Ninguém pode comer carne, não pode comer arroz, não pode fazer churrasco, isso é vida? Não! Então outra sociedade! Eu termino, eu que tenho que dizer, e eu não gosto da palavra obrigado não, eu aprendi com uma senhora de 88 anos, nem eu nem você estamos fazendo algo obrigado, eu prefiro como no nordeste, agradecido, muito agradecido, agradecidíssimo, grato, muito grato, um grande abraço ao todo a equipe, a Wini, ao Alisson, a você particularmente, que você fez contato comigo, pena que esse abraço não pode ser presencial, mas eu estou fazendo gesto aqui, abração, amado e querido Luiz Egypto não sei se eu fui bem sucedido na entrevista, você me julgue, você me avalie, mas é o que eu pude contribuir com vocês, ao longo de, nossa, uma hora e quarenta minutos.

1:32:45

P/1 – E que eu tenho uma outra reunião para encarar daqui a 15 minutos, eu preciso me preparar, sou muito agradecido ao senhor, pelo tempo,

pela disponibilidade e sobretudo pelas boas histórias que contou, muito agradecido.

R - Só lembro que se você prestou atenção, ainda ficaram lacunas, ano a ano, porque se eu contar a história de todos os meus mandatos sindicais, aí a entrevista ia até amanhã. Eu falei até a primeira direção que eu participei, e as outras três que eu participei. Eu fui preso dentro da CUT, eu fui tesoureiro da CUT, não contei nada disso, mas deixa pra lá, quem sabe terá outro momento. Desculpe Wini, Alisson, eu às vezes sou levado a fazer gestos eu não consigo ficar quietinho. Beijo! Fiquem em paz! Tenham saúde! Creiam ou não em Deus, que Deus lhes protejam!